



M. E. C. — I. N. E. P.
CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

(40)

M595
P4

1960

DISTRIBUIÇÃO

Como contar histórias.

por

Consuelo Pinheiro

Outubro, 1960

B.P. 2

Jan 1

MODELO N

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

C. B. P. E.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

COMO CONTAR HISTÓRIAS...

Por CONSUELO PINHEIRO

Outubro-1960

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

COMO CONTAR HISTÓRIAS...

A renovação que se processa nos métodos de ensino, determinada por melhor conhecimento da psicologia infantil, fez ingressar na escola o jogo, o brinquedo, o conto de fadas.

A princípio como experiência isolada que bem depressa se tornou regra comum, a história conquistou seu lugar na vida da escola como poderoso fator de desenvolvimento na educação da criança.

Se atentarmos para o longo caminho que vem percorrendo a humanidade para seu aperfeiçoamento, veremos que contar histórias é uma arte tão velha quanto o mundo. Antes mesmo do homem poder grafar os símbolos, a tradição oral perpetuava os fastos dos povos e os feitos de seus heróis.

Homero e o ciclo dos aedos, os bardos e os menestres da Idade Média, os nossos cantadores do sertão deleitaram com suas narrativas, desde o príncipe o mais poderoso ao mais rude vaqueiro. Mas essas narrativas não constituíram apenas um deleite, foram também poderoso incentivo para a realização de feitos maiores. Foi o seu encanto que levou o homem a arrojarse às navegações de antanho e ao desbravamento dos sertões. É esse mesmo encanto que prende, ainda hoje, as cabecinhas infantis numa imobilidade inacreditável para sua atividade trêfega. Contar histórias às crianças é, pois, rasgar os véus que lhes prendem e encadeiam a imaginação, é levá-las a curiosidades novas, é dar-lhes o sentimento de beleza pelo despertar de novas emoções, é excitar-lhes a simpatia pelo mundo que a cerca é, até, exaltar-lhes o civismo pelo culto dos heróis da Pátria e da Humanidade. E utilidade real porque imediata, é conquistar-lhes a atenção e a confiança, indispensáveis à obra de educação a que se dedica o mestre.

Mas, contar histórias é um dom, todos o sabem. É também uma arte que se adquire. Aqui cabem alguns conselhos, talvez, a quem deseje estreitar-se nessa arte, por vezes, um pouco difícil.

1º - Levar a história a sério, isto é, não ter vergonha de contá-la, mesmo que sua trama nos pareça a nós adultos, por demais pueril.

2º - Não ter pressa de acabá-la; muito embora a repetição dos mesmos elementos nos aborreça, por enfadonha, nunca devemos suprimi-la porque essa repetição é um dos seus maiores encantos, sobretudo para os pequeninos.

3º - Saber bem a história, sem contudo decorá-la para que essa memorização não altere a simplicidade do modo de falar. Se, porém, a memória falhar em ponto essencial à compreensão do enredo, voltar atrás habilmente, sem se perturbar.

4º - Fazer pressentir o grão e deixá-lo saborear. Essa habilidade tem feito a fortuna de muito artista que sabe preparar, por jogo expressivo de fisionomia, o público para o grão.

5º - Não interromper, sob nenhum pretexto, a história que está sendo contada. Mesmo os recalcitrantes que os há, e os inquietos acabam, fatalmente, se ela está bem contada, conquistados por sua magia e presos a seu encanto. Ainda que

não o fiquem, é melhor deixá-los à parte, sem forçar-lhes a atenção que, certamente, não poderão dar no momento do que, para chamá-los á ordem, cortar a corrente espiritual que já se havia estabelecido entre o mestre e seu pequeno auditório.

Observadas essas indicações, á prática e o exercício continuado farão de cada professora outras tantas Scherezades das mil e uma noites.

Contar bem histórias, porém, não é tudo. Muito importante é também a sua escolha.

Como critério geral para a orientação dessa triagem, é necessário que a história contada seja cheia de ações que se sucedam em trama bem urdida; que as imagens sugeridas pelo desenvolvimento dos fatos sejam familiares e que não tragam em seu bôjo (como nossa conhecidíssima D. Baratinha) alusões que, de perto ou de longe, se possam ligar aos instintos animais da humanidade, nem que tampouco possam infundir medo ou tristeza.

O campo da escolha, felizmente, é bem vasto. Um repertório bem cuidado pode abranger desde os contos burlescos ou de fadas, às fábulas e lendas, aos mitos e alegorias e, até, aos contos baseados em fatos históricos ou científicos e ao próprio folclore, guardados com êsse último as devidas cautelas. Alguns desses gêneros são mais apropriados a determinadas idades, sem que se possa fazer, entretanto, uma delimitação muito rígida. De uma maneira geral, deve-se dar preferência para os pequeninos, às histórias rimadas; às que dêem aos animais e às cousas personalidade ativa, às que façam do fraco e do humilde o vencedor; às que tenham ação rápida, embora que muito repetida em seus elementos, como a da formiguinha e da bola de neve.

Mas os proveitos que se podem tirar da história não param aí. A história é um manancial riquíssimo e inexgotável nas mãos de um professor hábil.

Reproduzida em desenhos pode-se transformar em cinema da classe. Em recortes de papel de cor vai contribuir para a ornamentação da mesma. Repetida pelos alunos vai servir como exercício de memória, de elocução e, até, de treino para enfrentar futuros auditórios. Bem contada por alguns vai levar alegria a outras classes. E, finalmente, vivida, isto é, dramatizada, vem oferecer um dos mais interessantes para a renovação do ambiente escolar.

Dramatizar, porém, é um nome novo para uma situação tão antiga como a primeira criança. Se alguém se der o trabalho de observar os pequeninos no seu brincar espontâneo, há de verificar que a imitação dos adultos é o brinquedo a que, de preferência, se entregam. Agora imitam a cozinheira que vai a compras; amanhã é a mãe a ralhar com os pirralhos, depois é a professora na escola. E assim, nesse imitar incessante, vão elas aprendendo a viver, vão afirmando sua personalidade, ajustando-se ao meio e ganhando, afinal, a experiência dos adultos que, inconscientes, lhes estão servindo de modelo.

Apenas, nesses folguedos, a imaginação trabalha desordenadamente, passando de um assunto a outro, segundo as inspirações do momento. Por isso mesmo, o bom senso popular persegue um pouco a realização desse brinquedo julgado inútil, quando não pernicioso. E de fato, êle pode dar atitudes mentais perigosas como a mentira e o devaneio.

A escola esclarecida usá-lo-á sem êsses inconvenientes; dar-lhe-á o caráter

de um estimulante das faculdades criadoras da criança. A dramatização será, portanto, improvisada, sem haver da parte do mestre interferências que impliquem em execução de ordens, como: -"Faça assim; agora é você" porque isso trará, como consequência imediata, o retraimento e o desinteresse do grupo. É difícil, mesmo, a princípio, conseguir naturalidade por parte das crianças mormente se estreiam ambos - mestre e alunos - nessa nova atividade social. Os insucessos, porém, não devem ser temidos e o professor, se insistir, há de se convencer da excelência desse processo educativo.

Uma das causas que concorrem para o acanhamento da classe é não estar bem sabida a história.

Para que a dramatização se desenvolva com todos os elementos educativos, é necessário que cada criança participante conheça bem os episódios que ela vai viver e a ordem em que se sucedem.

A escolha dos que vão tomar parte deve ser feita por uma consulta à classe: "Quem pode fazer esse papel?" Na grande maioria dos casos a indicação dada é sempre boa. Aliás, a mesma dramatização pode ser feita repetidas vezes para que todos possam tomar parte ativa. A intenção do mestre não é preparar uma companhia de pequenos atores, mas permitir que as faculdades criadoras da criança se expandam no meio da maior alegria.

Os erros e vícios de linguagem devem ser anotados cuidadosamente para subsequente correção, mas nunca emendados no momento. Isso seria o bastante para quebrar o desembaraço do mais decidido.

Outro aspecto da dramatização, esse muito nosso conhecido, aliás, é o usado nas festividades escolares. Neste caso, aquilo que se vai representar, tanto pode ser imaginado pela criança, como aproveitado de uma comédia já feita. O trabalho de criação se processa no arranjo dos cenários, na combinação dos elementos decorativos, na confecção de vestimentas adequadas e na própria maneira de representar os papéis. E o espírito de mútuo auxílio, bem como o hábito de domínio próprio encontram ótimas oportunidades para seu desenvolvimento.

Como sugestão final, indicamos aqui algumas das histórias mais próprias para dramatizar:

1º ano: Os tres porquinhos, Os tres ursos, a cigarra e a formiga, com um final satisfatório.

2º ano: Os músicos de Bremen, Branca de Neve.

3º ano: A lenda do pequeno Hans, de Guilherme Tell, do Caramuru e do Anhanguera.

4º ano: As aventuras de Pinóquio; as citadas para o 3º ano e mais outras da história Pátria.

5º ano: Fábulas, episódios de alguma tragédias clássicas, episódio da história

BIBLIOGRAFIA:

Sarah Bryant tradução: Comment raconter deshistoires a nos enfants.